



Migrações: mapear e corporificar as práticas migrantes

Organizadores do dossiê:

Cláudia Alvarenga Marconi

Professora da área de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP) São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: claudia.marconi@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9394-6724>

Gabriel Roberto Dauer

Doutor em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP). Coordenador do ampliaRI. São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: gabrielrdauer@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8998-4290>

Migrations: mapping and embodying migrant practices

Migraciones: mapear y corporizar las prácticas migrantes

O alcance e a abrangência de submissões recebidas em resposta ao chamamento para o dossiê “Migrações: mapear e corporificar as práticas migrantes” da Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD evidenciam o imperativo político de complexificar a abordagem da (i)mobilidade humana e de reunir contribuições reveladoras de uma paisagem migrante não estática, mas sim corporificada, humana, heterogênea, experimentada e, portanto, errante. Compreender desde o Brasil imenso a migração enquanto experiência e prática humanas, articulada em escala nacional, internacional e transnacional, e marcada pela aparente voluntariedade ou mesmo impossibilidade de permanecer de quem migra, demanda esforço interdisciplinar dos estudos migratórios, abrindo acessos para o emprego de novas perspectivas metodológicas, a disponibilização de lentes teóricas críticas e a fertilização de uma epistemologia das errâncias.

Por consequência, tal movimento desestabiliza o sentido de ordem política apoiada em quem se fixa e sustentada em uma relacionalidade política supostamente fixa também. Ademais, propulsiona a ideia de que a demarcação de fronteiras deve ser lida não apenas como um édito fundacional dos Estados, mas também em suas dinâmicas e subjetividade, sendo assim reivindicada cotidianamente por quem as transpassa e as (re)cria como ato político. Os mapas convencionais não são apenas reflexos de poder, mas representam o próprio poder a partir de discursos, narrativas e declarações visuais. Nesse processo de exclusão encontram-se visões etnocêntricas e racistas de mundo, transplantadas na forma de mapas políticos (Chimni, 2009; Van Houtum; Bueno Lacy, 2019).

Os estudos sobre a construção e a subversão das fronteiras, de espaços e a construção de novas paisagens pela migração e pelos migrantes, trazem aportes complexos da (i)mobilidade contemporânea e desestabilizam as linhas e escalas que os mapas convencionais tendem a fixar (Mekdjian, 2015; Casa-Cortes et al., 2017; Cobarrubias, 2019). Partimos da compreensão de que as fronteiras não podem ser analisadas em termos dicotômicos, estando, por exemplo, ou abertas ou fechadas, mas evidenciando que a sua (im)permeabilidade depende do indivíduo e/ou do grupo de indivíduos que tentam atravessá-la e da situação em que isso é realizado (Mau, 2010).

Em oposição a esses mapas da vigilância migrante, as contra-cartografias pretendem dar protagonismo às experiências dos migrantes em suas rotas migratórias (Casas-Cortes et al., 2017). A densidade corpórea dessas migrações é então revelada e complexificada, em oposição às massivas cartografias convencionais que usam setas unidirecionais e cores chamativas que subrepresentam o caminhar migrante, como os mapas profundos (*deep mappings*, em inglês), que expressam múltiplas realidades e experiências de pessoas, de seus laços afetivos que transitam entre si e na paisagem (Harris, 2015) e os mapas psicogeográficos que associam ao espaço geográfico emoções e comportamentos humanos em uma tentativa cartográfica isenta de neutralidade, e, por essa mesma razão, contestada e contenciosa (Pinder, 1996).



Nesta edição da Revista Monções, construímos um mapa profundo das múltiplas realidades e experiências de pesquisadores vinculados aos debates em torno das migrações e deslocamentos em diferentes momentos de sua trajetória e que se distribuem por pelo menos doze importantes universidades brasileiras e uma Instituição de Ensino Superior estrangeira, distribuídas em áreas do conhecimento que vão das Relações Internacionais à Geografia, passando pela Sociologia e Antropologia, pelo Direito, pela Linguagem e pela Comunicação, e envolvendo ainda programas de Pós-Graduação *stricto sensu* que já nasceram sob o signo da interdisciplinaridade.

O resultado desse encontro de pesquisas, pesquisadores e trajetórias toma distância de uma visão macropolítica internacional exclusivista, permitindo que muitas das questões motoras (e vivas) pensadas originalmente quando do lançamento da chamada do dossiê pudessem ser tratadas de pontos de partida diversos: Quem são os migrantes que ao caminhar constroem e são construídos pelas paisagens? Como essas experiências de migrações são transpostas em mapas, seja de fronteiras e de rotas migratórias, seja de políticas como a de abrigo ou de saúde? Como a produção e o uso de dados podem servir de insumos para a construção de cartografias críticas que visibilizem a violência espectral sofrida pelos migrantes: da violência dos estereótipos forjados à violência que produz sobre eles a morte rápida? Como estão representados os sujeitos das migrações e quais são as suas reivindicações vocalizadas? Qual o peso da política do cotidiano para compreender os sentidos de pertencimento migrante e formas de fazer morada muitas vezes no desencontro entre passados, presentes e futuros?

Ao reconhecer a temporalidade complexa das migrações e as suas múltiplas dimensões espaciais, tangíveis e intangíveis, materiais e imateriais, psicológicas e físicas, as contribuições aqui presentes fortalecem o nexo tempo-espaco-paisagem dos deslocamentos humanos forçados e da distribuição desigual das migrações internacionais simultaneamente nas diferentes regiões do globo e em seus contornos localizados. A partir de suas inserções profissionais e dedicação a redes abrangentes, e como parte e resultado de projetos de ensino, pesquisa e extensão mais amplos, os artigos aqui reunidos contrapõem, tanto em sua individualidade quanto em sua forma coletiva assumida nesse número, os modos mais usuais de levantar e dispor os dados sobre deslocamentos humanos, bem como enquadrar as migrações por parte dos atores que concentram recursos de poder material, institucional, simbólico e discursivo abundantes para fazê-lo.

Todos os artigos disputam os significados uniformes das migrações, tais como o de ameaça, o de crise e o de tragédia, que afetam regiões aparentemente vulneráveis ao fenômeno, e que homogeneizam as paisagens migrantes e ocultam as experiências migrantes. É assim que os artigos aqui reunidos questionam as razões para migrar e as rotas percorridas, debruçando-se sobre as experiências corpóreas e subjetivas de quem migra, bem como sobre as estratégias para partir, chegar e fazer morada, transitoriamente ou não. Trata-se de textos



nos quais o agir político da pessoa migrante, as suas memórias e o seu próprio entendimento sobre a travessia, através do seu olhar e de seu movimento pelas, nas e através das fronteiras, cidades (im)possíveis e espaços (in)visíveis, estão presentes.

Neste dossiê, emerge de forma contundente a situação dos refugiados venezuelanos e dos refugiados indígenas no Norte do Brasil. Diante do fato de que a crise na Venezuela gerou o maior deslocamento populacional da história recente da América Latina e do Brasil, os refugiados venezuelanos têm centralidade em seis dos treze textos apresentados. Esses textos reúnem reflexões em torno das práticas de acolhimento e de seu impacto na subjetividade dos refugiados indígenas em Roraima, até a compreensão do processo de mobilidade de um grupo de indígenas venezuelanos do povo E'ñepá em seu trânsito entre territórios e o *continuum* de violências sofridas (e as suas engrenagens motoras) pelos sujeitos deslocados de origem venezuelana.

Ademais, o chamado interdisciplinar de mapear práticas migrantes viabilizou para além do tratamento e análise da produção documental do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e da Organização Internacional das Migrações (OIM) sobre povos indígenas refugiados e migrantes oriundos da Venezuela para o Brasil, a identificação de narrativas de fronteiras e paisagens discursivas (re)criadas pelos migrantes por meio da dimensão política da vida cotidiana.

Também têm relevo no presente dossiê as reflexões que enraízam a análise de práticas migrantes no Sul Global e na indissociável triangulação entre colonialidade, etnicidade e branquitude a fim de expressar as faces da violência que os distintos regimes de (i) mobilidade engendram. A percepção migrante sobre a própria experiência cotidiana, os seus sentidos de pertencimento e as suas formas de fazer morada (mais do que supostamente se inserir ou ser interiorizado) movimentam os sentidos da fronteira como recurso social e ativador de experiências – ainda que por vezes fragmentadas e precarizadas – de cidadania.

Realidades como a da população imigrante racializada e não branca no contexto da pandemia de Covid-19 no estado de Santa Catarina (SC), a interação de pessoas refugiadas ou solicitantes de refúgio com organizações não-governamentais (ONGs) que apoiam pessoas migrantes lésbicas, gays, bissexuais, travestis, pessoas trans e intersexo no território do Rio de Janeiro ou ainda a migração de retorno de brasileiros do Paraguai na saga por serviços públicos de saúde, revelam que as trajetórias migrantes exibem também as diversas desigualdades estruturais socioeconômicas, raciais e de gênero.

Compondo ainda a cartografia dos deslocamentos desiguais do Sul Global no dossiê, tem-se o enquadramento de Gaza simultaneamente como um espaço de expulsão e uma paisagem da morte (*deathscape*, em inglês) por meio dos efeitos da política de (i) mobilidade de pessoas orquestrada por Israel e produtora de efeitos letais. Em direção ao Norte Global,



a edificação de uma grande fortaleza para determinados grupos de migrantes no e através do Mediterrâneo também tem espaço entre os textos acolhidos. Ainda que as denominadas experiências de cruzamento de fronteiras não se esgotem no mar, tem-se no aproveitamento da dimensão oceânica do Mediterrâneo uma forma também fatal de a União Europeia (UE) externalizar as suas fronteiras (geográficas e políticas) de maneira a exercer distintos controles remotos sobre os corpos migrantes.

Mantendo-nos no encontro entre o Norte da África e a fronteira do espaço *Schengen*, a rota da África Ocidental resta como a única que passa pelo Oceano Atlântico, transitando dessa forma pelo Marrocos o maior número de migrantes. A conflitividade que tensiona, assim, a fronteira entre a UE e o Marrocos assume lugar neste dossiê e evidencia como as *deathscapes* podem ser construídas sob o manto de acordos de cooperação e parcerias que visariam “tão somente” à (in)gestão de fluxos migratórios.

Finalmente, e ainda na mesma paisagem europeia, tem-se a centralidade do Protocolo Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças, o denominado Protocolo de Palermo, em vigor desde 2003. Nele se estabelece um acordo formal em torno da definição internacional de tráfico de pessoas. As interfaces entre as dinâmicas migrantes e as do tráfico humano são intrincadas e distintas realidades são exploradas através da comparação entre as abordagens de ONGs brasileiras e portuguesas em seus esforços de internalização da norma internacional.

Portanto, este dossiê visou estimular um debate cartográfico crítico da mobilidade humana em suas múltiplas dimensões (deslocados internos, migrantes, refugiados, desterrados, desenraizados, exilados, expulsos, nômades) desde eixos diversos, como espacialidades, violências, subversões das fronteiras, resistências e políticas de controle e de exaustão migrante. Convidamos a todas as pessoas interessadas na temática das migrações a lerem, questionarem e proporem novas interpretações aos textos deste dossiê no sentido de ampliar e aprofundar as perspectivas sobre as cartografias e paisagens migrantes.

Agradecemos a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pelo espaço e oportunidade de discutir um tema tão complexo, dinâmico e inescapável de nossas vidas, além do trabalho e apoio fundamental da equipe de editores e técnicos da Revista *Monções* desde a acolhida da proposta até a sua publicação. Expressamos os nossos mais sinceros agradecimentos aos diversos pareceristas que trabalharam conosco com as suas valiosas leituras e análises dos temas. Agradecemos também a todas as pessoas que, diariamente, deslocam-se e se dispuseram a contribuir para uma reflexão compartilhada sobre o ato de migrar e desvelar outros sentidos possíveis das paisagens migrantes.



REFERÊNCIAS

CASAS-CORTÉS, M; COBARRUBIAS, Sebastian; HELLER, C; PEZZANI, L. Clashing Cartographies, Migrating Maps: The Politics of Mobility at the External Borders of E.U. Rope. *ACME: An International Journal for Critical Geographies*, v. 16, n. 1, p. 1-33, 2017. Disponível em: <https://acme-journal.org/index.php/acme/article/view/1094>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CHIMNI, Bhupinder S. 2009. The Birth of a Discipline: From Refugee to Forced a Migration Studies. *Journal of Refugee Studies*, v. 22, n. 1, p. 11-29. Disponível em: <https://academic.oup.com/jrs/article-abstract/22/1/11/1574068>. Acesso em: 24 jun. 2024.

COBARRUBIAS, S. Mapping Illegality: The i-Map and the Cartopolitics of "Migration Management" at a Distance. *Antipode*, 51, p.770-794, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/anti.12512>. Acesso em: 24 jun. 2024.

HARRIS, T. M. Deep geography - Deep mapping. Spatial storytelling and a sense of place. In: D. J. Bondehamer; J. CORRIGAN, T. M. Harris (eds.). *Deep maps and spatial narratives*. Bloomington: Indiana University Press. p. 28-53.

MAU, Steffen. Mobility Citizenship, Inequality and the Liberal State. *International Political Sociology*, v. 4, p. 339-361, 2010. Disponível em: <https://academic.oup.com/ips/article-abstract/4/4/339/1833086>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MEKDJIAN, Sarah. Mapping Mobile Borders: Critical Cartographies of Borders Based on Migration Experiences. In: Anne-Laure Amilhat Szary; Frédéric Giraut. *Borderities and the Politics of Contemporary Mobile Borders*. Palgrave MacMillan: 2015.

PINDER, D. Subverting cartography: the situationists and maps of the city. *Environment and Planning*, v. 28, p. 405-427, 1996. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a280405>. Acesso em: 24 jun. 2024.

VAN HOUTUM, Henk; BUENO LACY, Rodrigo. The migration map trap. On the invasion arrows in the cartography of migration, *Mobilities*, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17450101.2019.1676031>. Acesso em: 24 jun. 2024.

